



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

XX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE  
EDUCAÇÃO/2006

## **Formação de professores: descompasso entre teoria e prática.**

*Profa. Dra. Ana Maria Petraitis Liblik*  
DTPEN - Setor de Educação – UFPR

### **Resumo**

Este texto foi escrito como resultado de reflexões, aulas, estudos e constatações sobre a formação de professores em nossa universidade. Não pretende ser uma diretriz a ser sugerida nas ações, mas sim um desabafo no agito cotidiano que enfrentamos a cada dia. Torna-se premente a tomada de consciência das nossas limitações e dos nossos deveres. Discutir teoria – algo que só pode ser feito se o aluno a conhece – e partir para uma prática não incipiente, é mister. Percebe-se que a teoria, muitas vezes, é apresentada em cópias mal feitas, “cobrada” em provas consideradas fáceis pelos professores e difíceis pelos alunos, sem um contexto mais amplo que não o limitado pelo tempo da aula. A prática limita-se a ida para uma escola, geralmente sem acompanhamento do professor pelo grande número de alunos presentes nas aulas de Prática do Ensino, e dá-se a ilusão a eles que isso será o cotidiano escolar: uma aula preparada especialmente para o dia, artificial, sem a possibilidade de articulação com os saberes da disciplina, o conhecer os alunos e a realidade onde eles vivem. A indisciplina, a falta de valores – tanto de professores quanto de alunos e de seus familiares – induz a um sentimento de fracasso difícil de recuperar. Sugestões? Não as tenho. Por enquanto é somente uma reflexão.

**Palavras-chave:** formação de professores – licenciaturas – pedagogia.

### **Formação de professores: descompasso entre teoria e prática.**

*Profa. Dra. Ana Maria Petraitis Liblik*  
DTPEN - Setor de Educação – UFPR

Como professora concursada de uma universidade pública e tendo assumido o compromisso de formar professores para o magistério fundamental e médio, permito-me escrever sobre o que vem me preocupando nestes tempos difíceis de compreender o aparente caos em que se encontra a educação no Brasil.

Diz um provérbio conhecido que *de pessoas de boas intenções está cheio o inferno*. Folclore ou não considerar que o nosso professorado, cheio de boa vontade em acertar, é ruim e a ele atribuir todos os problemas da educação parece no mínimo simplista.

É verdade que a afetividade demonstrada pela boa vontade deles é capaz de fazer muito pelos alunos, o esforço quase sobre humano em dar o melhor de si, apesar de salários e condições precárias não é, porém, suficiente para superar as lacunas na tentativa de ensinar a ler e descrever o mundo.

Facilmente se encontram nas ruas professoras apressadas carregando sacolas e malas cheias de cadernos corrigidos no afã de chegar em tempo de começar as aulas. Junto, carregam filhos depois de deixar a casa em ordem, a roupa lavada ou de molho no tanque, comida feita com carinho pronta para almoço e janta, contas pagas nos bancos, e na cabeça o plano de aula que deve ser seguido para “dar conta” dos conteúdos. Professores que ainda assim, em seu entusiasmo, acreditam que vão mudar o mundo!

A universidade, após a extinção do curso de magistério, tem se responsabilizado para formar o profissional da educação. Números nos mostram que há um excesso de cursos de Pedagogia e Licenciaturas, porém poucos com qualidade, e não em número suficiente para atender a um mercado de trabalho com cada vez maior e mais exigente.

Nas áreas específicas, tais como Língua Portuguesa, Matemática, Artes, História, Geografia, Ciências, Educação Física o ensino superior prepara pessoas para uma reflexão sobre a ciência em si e não para uma prática docente, a qual, em teoria, deveria ser ensinada pelas disciplinas chamadas pedagógicas.

Em nossa universidade, assim como em grande parte do país, os cursos de Licenciatura preparam os candidatos a professor com uma grade de cinco disciplinas, ministradas durante o período do curso: Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º

graus de Ensino; Psicologia da Educação, Didática, Metodologia específica e Prática de Ensino.

É comum constatar que em alguns cursos, os alunos se matriculam no bacharelado e, com o passar do tempo, optam pela licenciatura, pois aparentemente ela é mais “fácil” e/ou mais rápida, permitindo assim que os candidatos possam procurar emprego ... de professor.

Sem querer generalizar e sem querer ser cáustica em demasia, questiono: se os alunos optam pelo caminho mais curto e mais fácil, como podemos garantir que eles virão a ser bons profissionais se sequer terminaram adequadamente a sua preparação acadêmica? Cada vez mais comum é encontrar jovens nos bancos universitários que querem logo adquirir independência financeira, mesmo morando ainda com os pais, sem aquilatar que esta pressa em participar do mercado de trabalho sem o preparo adequado vai refletir na vida profissional futura, de forma irreversível.

Ao assumir as responsabilidades de um emprego e ao mesmo tempo continuar estudando há uma forte tendência em deixar de lado uma parte significativa do processo de formação que dificilmente poderá ser resgatada depois. Se por um lado é bom que o aluno esteja nos bancos universitários ao mesmo tempo em que assume as aulas, pois tem o apoio e o auxílio de profissionais da educação preparados para tal, por outro a falta de tempo impede que se estabeleça um vínculo de parceria estreito.

Como se admite que nesta faixa etária o jovem já é conhecedor das responsabilidades e os deveres próprios de um aluno, não há cobranças, nem por parte dos pais, nem por parte da instituição; cada um deles passa a ser apenas um número, uma estatística, uma parte de um processo massificante.

Em instituições de Ensino Superior, particulares, o dinheiro desembolsado na mensalidade funciona como que um regulador de tempo de permanência na casa: quanto mais caro o valor, menor é o tempo em anos dispendido pelos alunos nas dependências do espaço universitário. Ou seja, se o curso está formatado para ser cumprido em quatro anos, dificilmente o aluno passará mais tempo nos bancos escolares, pois terá que pagar por disciplina que cursar repetidamente. Se em compensação o curso for em uma instituição de ensino pública, o dinheiro da mensalidade não sai diretamente do bolso do aluno e sim, via impostos pagos pela sociedade. Para superar esta aparente indiferença quanto ao tempo de

permanência na Universidade fez –se necessário criar um teto máximo em anos a frequentar, para a “não profissionalização” ou acomodamento dos alunos, pois é comum que um curso de cinco anos, por exemplo, seja completado em sete ou oito anos de tempo passado na instituição.

Quais são as razões para tantos paradoxos na Educação? Com certeza muitas mais do que podemos imaginar. Uma delas é a formação inadequada de currículo que propomos aos alunos que ingressam nos cursos de Licenciatura e Pedagogia e que pouco acrescentam ao pouco que eles trazem de bagagem cultural. Um círculo vicioso se estabelece: pouco se ensina, pouco se cobra. Quanto menos exigimos dos alunos, pior preparamos os profissionais que os vão atender. O nivelamento passa a ser sobre o mínimo de saberes considerados indispensáveis e não sobre o que efetivamente poderia ser ensinado/cobrado, tanto de alunos quanto e principalmente de professores.

Assustei-me ao ouvir de uma colega francesa em férias no Brasil que para ensinar o professor tem que saber mais do que vai ensinar. Óbvio que concordo com o pensamento, mas percebi – e por isso o susto - que não o tenho visto em prática no ambiente acadêmico e escolar. Estuda-se apenas o que vai ser ensinado, numa letargia sem estímulo real. Os livros didáticos já vêm prontos até com o planejamento sugerido. Os exercícios, no livro do professor, têm respostas, nem sempre corretas. Na correria do cotidiano, não há mais tempo para a reflexão, a pesquisa, a procura por novos textos, novos contextos situacionais que permitam ampliar o repertório de alunos e professores em constante construção.

Esta realidade conduz a um distanciamento da realidade do mundo. Sabemos que o conhecimento cresce exponencialmente enquanto que o ensino permanece acomodado. Sabemos todos que a situação é ruim. Não é péssima, porém. Sabemos o que fazer, só não o praticamos. Continuamos apresentando uma teoria sem prática e uma prática desarticulada de um contexto teórico. A realidade altamente dinâmica dos dias de hoje parece estar em descompasso com a formação de nossos profissionais da Educação.

Na verdade a escola de hoje é a sonhada por nossos avós e preparada por nossos pais. Não é à toa que no Japão pensa-se o currículo e as mudanças nos processos escolares para daqui a trinta anos: é o tempo necessário para refletir e implantar o que está sendo pensado. A escola de nossos netos será a que nós sonhamos e que nossos filhos prepararão. Será boa então? Se atuarmos positivamente, creio será melhor, pois terá a tendência em

atender o que nós hoje acreditamos, porém não podemos saber os desejos de uma geração que não imaginamos como será.

Sugestões para a melhoria do ensino hoje? Penso que as mudanças ocorridas nos documentos emitidos pelos órgãos competentes nos últimos anos podem conduzir a uma abertura, a uma ampliação dos limites disciplinares que a escola apresenta. Mesmo sendo o processo de mudança muito mais lento do que o desejável cabe a nós, docentes universitários e formadores de professores, implementar o processo.

Quanto à formação do profissional da educação, cabe uma reflexão sobre como a teoria está sendo ensinada, pois de nada valerá continuar solicitando aos alunos resenhas e seminários de textos fotocopiados que facilmente podem ser encontradas na rede. Mesmo porque poucos são os professores que lêem o que os alunos escrevem, atendendo à solicitação de seus mestres. Quanto desta teoria lida efetivamente influi na construção do ser profissional? Alunos não se preocupam em pesquisar e escrever com densidade e qualidade porque prevalece a convicção de que o esforço não valerá a pena, já que muito provavelmente ninguém perderá tempo em ler textos assim. Vaverá a máxima de que um finge que escreve, pois o outro finge que lê.

Mais de uma vez “ensinei” meus alunos a escrever uma resenha sem ler o texto. Eles se queixam que não têm tempo para fazer outras atividades, pois têm a obrigação de entregar os trabalhos e que os professores não os devolvem. Provavelmente não as lêem... A teoria deveria ser lida, estudada, entendida, discutida, ampliada para outros contextos, conectada a outros saberes. E o professor não pode fazer isto pelo aluno. Guimarães Rosa escrevia que semear é um ato coletivo, mas a colheita tem que ser individual. O trabalho em sala ao ensinar é coletivo, o aprender é individual e ainda não conhecemos outra forma de aprender.

Se no processo de construção de um arcabouço teórico que irá sustentar o início da construção individual do profissional professor temos tantas dificuldades, o que podemos dizer da prática que supostamente auxiliamos a fazer?

Em turmas de Prática de Ensino com mais de 20 alunos em sala, como é possível acompanhar de perto a ação de cada um dos alunos? E do que adianta observar uma ou duas aulas ministradas por eles, em um local que não será o costumeiro, aula fictícia, preparada para “dar certo”? Pouco podemos ajudar desta forma. Na época do magistério os

alunos assumiam períodos maiores em sala de aula e quase sempre acompanhados de profissionais experientes que poderiam ajudar em situações difíceis. Hoje, nem formados os alunos estão e já são responsáveis por turmas cada vez mais cheias e com conteúdos díspares. O tempo dirá se o caminho que tentamos implantar será melhor ou pior do que o que temos agora. Não há soluções fáceis nem em curto prazo. Nosso tempo está passando rapidamente... Como dizia o alagoano Teotônio Vilela, *somos todos responsáveis por ação ou omissão*. Se não nos posicionarmos logo e adequadamente, seremos de qualquer modo, responsáveis pelo futuro da Educação.